

# O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO NO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO E NO NEOPENTECOSTALISMO

## BREVE PARALELO

RODRIGO REGLY CARVALHO

Graduado, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

BRUNO SILVEIRA ALBUQUERQUE

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

ISRAEL THIAGO TROTA

Mestre, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

TERESA CRISTINA DOS SANTOS AKIL OLIVEIRA

Doutora, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

**Resumo:** O batismo no Espírito Santo no pentecostalismo clássico é conceituado, compreendido e enfatizado da mesma forma que no movimento neopentecostal? Suas consequências, implicações e relevância são semelhantes em ambos os movimentos? Estas são algumas das questões-chave centrais para a reflexão proposta neste artigo. Com o



objetivo de fornecer respostas a essas questões, foi realizado um estudo apresentando argumentos sobre o início do movimento pentecostal no Brasil, seu desenvolvimento sob uma perspectiva histórica e sociológica, com especial atenção às principais igrejas pertencentes a cada um dos movimentos classificados. O batismo no Espírito Santo é um elemento central, conferido tanto no movimento pentecostal clássico quanto no movimento neopentecostal. No desenvolvimento deste, são destacadas algumas semelhanças e diferenças entre estes movimentos, focando particularmente no batismo no Espírito Santo, seguido de uma conclusão com uma breve comparação entre eles, juntamente com algumas considerações finais e reflexões.

**Palavras-chave:** Batismo, Espírito Santo, Pentecostalismo..

**Abstract:** Is the baptism in the Holy Spirit in classical Pentecostalism conceptualized, understood, and emphasized in the same way as in the Neo-Pentecostal movement? Are its consequences, implications, and relevance similar in both movements? These are some of the key questions central to the reflection proposed in this article. Aiming to provide answers to these questions, a study was conducted, presenting arguments on the beginning of the Pentecostal movement in Brazil, its development from a historical and sociological perspective, with particular attention to the main churches belonging to each of the classified movements. The baptism in the Holy Spirit is a central element, conferred both in the classical Pentecostal movement and the Neo-Pentecostal movement. In the development of this, some similarities and differences are highlighted between these movements, particularly focusing on the baptism in the Holy Spirit, followed by a conclusion with a brief comparison between them, along with some final considerations and reflections.



**Keywords:** Baptism, Holy Spirit, Pentecostalism.

## 1 INTRODUÇÃO

Como se deu o início e desenvolvimento do movimento pentecostal no Brasil? Quais igrejas participaram no começo e são atuantes no desenvolvimento deste movimento? Quais principais classificações dentro do movimento pentecostal no Brasil? Em relação ao batismo no Espírito Santo, qual o conceito, entendimento sobre o assunto e experiência, no pentecostalismo clássico e no neopentecostalismo?

Ao avançar na leitura e capítulos deste artigo o leitor encontrará respostas para estas questões, que são basilares para a reflexão proposta pelo tema. O primeiro capítulo aborda o movimento pentecostal com foco no Brasil, seu início e desenvolvimento. Desse modo, considerar-se-ão aspectos histórico e sociológico, bem como uma breve explanação sobre características e marcas classificadas por Paul Freston (1993) como “ondas”, pertencentes a este movimento relevante e crescente. Em seguida, o âmago do conteúdo se volta para o batismo no Espírito Santo com um capítulo destinado para este no pentecostalismo clássico, e outro no neopentecostalismo. Nestes capítulos centrais, destaca-se como o assunto é entendido por parte da liderança e principais igrejas pioneiras e em atividade nestes distintos movimentos, e o que se pode perceber pela atuação destas igrejas. O último capítulo é destinado para algumas considerações finais compartilhadas diante de um breve paralelo estabelecido entre os referidos movimentos.

## 2 O MOVIMENTO PENTECOSTAL NO BRASIL

Para apresentar esse tema é necessário um estudo criterioso do movimento pentecostal no Brasil. Será descrito o seu início e as suas denominações precursoras. Desse modo será apresentada uma abordagem teórica para a compreensão do seu desenvolvimento com



base em critérios sociológicos e históricos. Uma introdução às diferenças entre o movimento pentecostal clássico e o neopentecostal será considerada.

Dias (2018) argumenta acerca do termo pentecostal, cuja etimologia faz referência à experiência vivenciada pelos primeiros cristãos durante a festa de pentecostes. Esta foi marcada pela descida do Espírito Santo que aconteceu cinquenta dias após a morte de Jesus e dez dias após sua ascensão aos céus, apontando para o surgimento da igreja cristã.

Quanto ao moderno movimento pentecostal, Matos (2006) informa que, no Brasil, a magnitude do pentecostalismo é evidente, sendo um segmento que congrega a maioria dos protestantes. Segundo o Censo de 2000 (apud Mariano, online), cerca de 67% dos evangélicos brasileiros já eram pentecostais, representando cerca de 17,7 milhões de pessoas à época. Essa taxa de pentecostais se manteve acima dos 60 por cento do total de evangélicos nas duas décadas seguintes. De modo geral, o crescimento do protestantismo nacional se dá principalmente por influência e atuação das igrejas pentecostais, pelo que o movimento possui uma notável capacidade de reinventar-se a cada geração, assumindo formas novas e inusitadas.

Segundo Mariano (1999), o movimento pentecostal teve início no Brasil nos anos 1910 com duas igrejas: A Congregação Cristã no Brasil fundada pelo pregador Luigi Francescon (CCB - 1910) considerada a mais antiga igreja pentecostal no país, situada inicialmente no Brás, na capital de São Paulo, e a Assembleia de Deus fundada pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren no Belém do Pará (AD - 1911).

Segundo Paul Freston (1993, p. 69, *apud* Pereira, 2021, p. 111), mesmo com os estudos históricos e sociológicos tratando as origens do Movimento Pentecostal, o tema é sempre um desafio e exige pesquisas criteriosas. Isto se deve ao fato da história apresentada pelas igrejas pentecostais, principalmente a Assembleia de Deus, considerar uma



discrepância em relação ao exame científico, devido a toda fragmentação das narrativas em torno das espiritualidades e experiências plurais em destaque nessa história.

Para a pesquisa histórica entre os pentecostais, Freston (1993, p. 69, apud Pereira, 2021, p. 111) relata como um problema, o fato de líderes pentecostais terem dificuldade em aceitar o enraizamento dos fenômenos religiosos do grupo em ações analisáveis pelas ciências humanas. Para abordar o pentecostalismo brasileiro, o sociólogo Freston (1993) utiliza uma linguagem metafórica, comparando o seu desenvolvimento histórico com as ondas do mar, nomeando e classificando em três ondas.

O início, considerada a primeira onda, é nomeado de pentecostalismo clássico. Segundo Silva (2007) e Mariano (1999), este termo se aplica para transmitir a ideia de antiguidade ou pioneirismo histórico desse movimento. As duas igrejas mencionadas (CCB e AD), que enfatizam o batismo no Espírito Santo evidenciado ao falar em outras línguas (glossolalia), recebem essa nomenclatura. A crença na volta iminente de Cristo, a salvação paradisíaca e comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior também são marcas do pentecostalismo clássico.

O crescimento inicial e consolidado dessas igrejas se deu entre 1910 a 1950. Segundo relata Matos (2006), a igreja AD foi a que mais se expandiu em aspectos quantitativos e geográficos. A CCB, após um período, ficou limitada à comunidade italiana. Matos (2006) ressalta também que as denominações protestantes históricas já estavam estabelecidas no país antes da chegada dos primeiros pentecostais, porém seu crescimento foi modesto em comparação aos pentecostais.

A considerada segunda onda, Silva (2007) define como deuteropentecostalismo, e tem seu início com o surgimento de denominações urbanas expressivas: Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Pentecostal



Deus é Amor (1962), e algumas outras de menor expressão. Estas, além da ênfase voltada para o Batismo no Espírito Santo, focam também em milagres, ações de evangelização e libertação com prática exorcista.

Já a terceira onda é denominada de neopentecostalismo, que exerce influência no Brasil a partir de 1970 com crescimento intensificado entre 1980 e 1990. As principais igrejas neopentecostais do Brasil são: Igreja Universal do Reino de Deus (IURD); Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD); Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD); Igreja Renascer em Cristo (IRC); Igreja Apostólica Fonte da Vida (IAFV); Comunidade Cristã Paz e Vida (CCPV); Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus (IAPTD).

Gerone Junior (2023) afirma ser comum a atribuição do surgimento do neopentecostalismo ao Bispo Roberto McAlister e sua comunidade de fé, a Igreja de Nova Vida (1960). Isso se dá principalmente pelo fato de haver iniciado seu ministério no Brasil com cruzadas evangelísticas e com participação no rádio e televisão, o que são marcas da atuação neopentecostal. Muitas outras práticas atribuídas ao movimento não faziam parte e nem tinham aprovação do Bispo em sua comunidade de fé.

Sendo assim Gerone Junior (2023) considera a obra de seu filho Walter Robert McAlister Junior (2012), que defende que seu pai se opunha, censurava, não concordando com práticas consideradas desvio da fé, tais como: Caráter empresarial da igreja, pragmatismo, lançar mão de símbolos espíritas, simonia, dentre outras. De outro modo, a conclusão proposta por Gerone Junior (2023) é que o início do movimento neopentecostal se deu com a IURD fundada por Edir Macedo (além de Samuel Coutinho) e Romildo Ribeiro Soares (R. R. Soares), que depois de mais de uma década se desvincularam da Igreja de Nova Vida.

O movimento neopentecostal é distinto dos outros movimentos pentecostais de primeira e segunda onda por diversos aspectos. Trata-se de divergências em relação a algumas práticas, mas, igualmente, de algumas questões teológicas que vão contra o que os grupos anteriores ensinavam e praticavam. Em termos teológicos, a primeira distinção dos neopentecostais se dá na



ênfase por eles atribuída. Diferentemente da primeira onda, que enfatiza o batismo no Espírito e o dom de línguas, e da segunda onda, que enfatiza a cura, o grupo da terceira onda, mesmo sem desconsiderar esses aspectos, atribui maior ênfase em outros feitos. Em síntese, como se constata, a ênfase recai sobre o trinômio cura-exorcismo prosperidade (Gerone Junior, 2023, p. 52).

Detalhando as diferenças desta terceira onda neopentecostal do movimento pentecostal, Gerone Junior (2023) apresenta características do neopentecostalismo que o distingue das duas primeiras ondas: destaca a “Teologia do Coaching”, com base humanista e hedonista, atraindo para o movimento empresários e profissionais liberais; A “Confissão Positiva”, dando poder à fala humana como se o crente pudesse dar a ordem para Deus obedecer; A “batalha espiritual” que torna um espetáculo supostas possessões demoníacas; “Excursões extrabíblicas” com o foco nas batalhas do Antigo Testamento que servem como base para novas revelações, ocasionando ensinamentos equivocados e o surgimento de heresias; “Pontos de contato” como mediações do sagrado influenciadas pela religião católica e cultos afro-brasileiros; Cultos para atender necessidades urgentes dos frequentadores; Músicas com poesia pobre, estilo mantra, antropocêntricas e mercadológicas; Administração empresarial, igreja com visão de negócio; Interesse político em tom de barganha para benefícios pessoais; Investimento em técnicas de marketing na rádio, TV e mídias sociais; Líderes temidos, superiores em sua autoridade, com a imagem do chefe intocável, inquestionável e infalível; Comportamento dos participantes condizentes com a cultura mundana; Criação de organizações paraeclesiais como Atletas de Cristo e Adhonet.

Segundo Peixoto (2021), no neopentecostalismo a ênfase é para a satisfação humana, sendo esse o centro do sentido da existência. Os apelos realizados em programas e ações das igrejas classificadas neopentecostais são voltados para o fim do sofrimento e derrotas, promessa de vitórias e prosperidade, o que fomenta um hedonismo e



antropocentrismo religioso.

Após essa breve abordagem histórica e social do movimento pentecostal no Brasil e dos tipos de pentecostalismos - clássico e neopentecostalismo - com as características que os diferenciam, no próximo capítulo o assunto será sobre o batismo no Espírito Santo no pentecostalismo clássico.

### 3 O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO NO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO

A abordagem desse tema se propõe a justificar o uso da expressão escolhida: Batismo “no” Espírito Santo, considerando o que alguns autores falam acerca do batismo no Espírito Santo no pentecostalismo clássico, e apresentar um embasamento bíblico para o tema, com cinco pontos considerados essenciais para o Movimento Pentecostal Assembleiano.

Alguns autores definem o Batismo “com” o Espírito Santo, outros (a maioria) usam a expressão “no” Espírito Santo. Em Mt 3.11 se encontra o texto original grego: *baptisei en Pneumati Hagio*. Quando traduzido para o português, permite, não sem controvérsias, a utilização de ambas as expressões a respeito da doutrina, sendo correto afirmar batismo com ou no Espírito Santo. Tradução do texto: baptisei (batizará) em (com ou no) Pneumati (Espírito) Hagio (Santo).

Sendo assim será utilizada a expressão *no Espírito Santo* considerando batismo como imersão, podendo ser nas águas para arrependimento, e no Espírito Santo para o revestimento de poder, logo, é possível que essa seja realmente a melhor tradução para o texto grego, seguindo a mesma concepção de 1 Coríntios 12.13. Segundo Queiroz (2022), a expressão “no” reforça esse caráter de imersão, imersão no poder do Espírito Santo, enquanto que a expressão “com o” pode ser mais propícia para se referir à teologia paulina com uma associação à inserção no corpo místico de Cristo, algo que acontece no momento da conversão (Stamps, 1995 *apud*





Queiroz, 2022, p. 38).

O pentecostalismo, no entanto, encara a atuação do Espírito Santo e eventos pneumáticos como ações divinas que perpassam toda a história, desde a descida do Espírito Santo em Atos 2, até os dias atuais. Todo o imaginário pentecostal é construído sobre a premissa da manifestação contemporânea do Espírito (Simões, 2021, p.8).

Essa forma de enxergar o evangelho e suas manifestações sobrenaturais têm no Batismo no Espírito Santo e na Glossolalia um marco fundante, uma vez que na interpretação pentecostal, o falar em línguas era uma prática comum e presente na vida de todo o cristão neotestamentário (Horton, 1994, p. 451 *apud* Simões, 2021, p. 8).

O batismo no Espírito Santo deve ser alvo da busca por parte de todos os cristãos em todos os tempos, não se restringindo apenas ao período apostólico, conforme Simões (2021). No pentecostalismo clássico que Paul Freston (1993) caracterizou como sendo a primeira onda citada neste artigo, o batismo no Espírito Santo se dá com o sinal de o cristão ter recebido sua força. Em Jo 20:21-22 Jesus sopra sobre os seus discípulos o Espírito Santo, e estes o recebem. Em Lc 24:49 Jesus ordena que seus discípulos fiquem em Jerusalém até que do alto sejam revestidos de poder. Em At 1.8 Jesus afirma que eles receberiam poder para serem testemunhas, este poder é a virtude do derramar do Espírito para serem cheios. É o que acontece em At 2 no dia de Pentecostes: o Espírito Santo é derramado sobre todos e todos são cheios do Espírito Santo, da virtude, do poder, para serem testemunhas de Cristo e começam a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo os concedia que falassem.

Segundo Portella (2012), o derramamento do Espírito no pentecostalismo é promessa para todos, e isto acontece de forma clássica através do Batismo no Espírito Santo. Sendo este uma segunda bênção com o propósito de conferir poder e dignidade ao crente, é um fortalecimento e capacitação com o poder do alto. Para Queiroz (2022), de acordo com a doutrina pentecostal, o batismo com o Espírito Santo é uma experiência diferente da conversão e isso distingue o Pentecostalismo do



Protestantismo tradicional. Para os pentecostais o batismo no Espírito Santo é uma bênção distinta da conversão, sendo um revestimento especial do poder do Espírito Santo.

Queiroz (2022) apresenta os cinco pontos considerados essenciais segundo o Movimento Pentecostal Assembleiano que, por ser considerada a maior denominação evangélica no Brasil, indicando que esses pontos, ao menos indiretamente, caracterizam o pentecostalismo brasileiro. São eles: 1) Nem todo o crente é batizado no Espírito Santo, no entanto, a experiência é prometida a todo cristão; 2) Após a conversão o crente deve buscar revestimento por meio de orações, jejuns e pela santificação esse batismo; 3) Uma pessoa pode ser salva sem que ainda tenha sido batizada no Espírito Santo; 4) O falar em línguas estranhas (glossolalia) é a evidência externa inicial do batismo no Espírito Santo; 5) Dons revelacionais e miraculosos continuam em operação nos dias de hoje e são dados ao cristão batizado no Espírito Santo conforme propósitos divinos (atualidade dos dons espirituais de 1 Coríntios 12).

Ressalta-se que Lima (2015), ao analisar a definição de batismo no Espírito Santo segundo o Dicionário do Movimento Pentecostal (Araújo, 2007), concorda e conclui que o batismo no Espírito Santo é uma das principais doutrinas bíblicas, observando que Jesus teve como um dos objetivos principais em sua missão batizar o seu povo no Espírito Santo. Desse modo, facilita a compreensão de que a pneumatologia, especificamente, o batismo no Espírito Santo, para o pentecostalismo é traço identitário para os seus fiéis.

A base bíblica que sustenta a crença dos pentecostais e os impulsiona a motivar crentes a viverem a experiência do batismo no Espírito Santo, dá-se em At 2:39 em que está escrito que a promessa do derramar do Espírito Santo, o dom do Espírito Santo, é para todos aqueles que Deus chamar. Para o pentecostalismo clássico não foi um episódio exclusivo que ocorreu em At 2, apenas para os cento e vinte que estavam reunidos, o mesmo aconteceu em At 8: estava acontecendo o batismo nas águas em



Samaria e Pedro e João são enviados para que haja o batismo no Espírito Santo; Em 10:12, Cornélio e todos que estavam na casa foram batizados no Espírito Santo; já no capítulo 19, quando Paulo está em Éfeso, doze pessoas são batizadas no Espírito Santo, o que indica a continuidade deste acontecimento conforme se crê e se prega no pentecostalismo clássico. Segundo Cunha (2019), a ênfase dada à doutrina do revestimento de poder é um dos principais motivos do sucesso do movimento pentecostal, principalmente quando se trata de missões mundiais e evangelização. A virtude do Espírito que vem sobre o crente, que crê e busca, o capacita para o serviço de pregar o evangelho e realizar sinais miraculosos com o propósito de atestar a veracidade do evangelho do poder de Deus. Cunha (2019) enfatiza que o principal objetivo do batismo no Espírito Santo é o poder capacitador que gera eficácia no testemunho a Jesus com palavras e ações.

Entendendo um pouco mais sobre o batismo no Espírito Santo para os pentecostais clássicos, na próxima seção, a análise será acerca do batismo no Espírito Santo no Neopentecostalismo.

#### **4 O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO NO NEOPENTECOSTALISMO**

O que é o batismo no Espírito Santo no neopentecostalismo? Qual sua principal evidência? O que dizem sobre o assunto os líderes das principais igrejas classificadas neopentecostais? O que é preciso para que o batismo aconteça segundo estes líderes? Este capítulo se propõe a apresentar respostas para essas questões.

Para as denominações neopentecostais, o batismo no Espírito Santo também é considerado uma “segunda bênção”, o revestimento de poder através do derramar do Espírito Santo para a capacitação do crente. De modo peculiar nessa terceira onda, o dom de línguas recebe uma ênfase menor do que o de profecia, cura e realização de efeitos visíveis especiais, considerados sobrenaturais, tais como: quedas, risos, urros, dentes de ouro,



etc. No neopentecostalismo, o movimento é marcado por sinais e maravilhas, é considerado “evangelismo do poder” e a ênfase é para o sobrenatural espetacularizado.

Para o Bispo Edir Macedo (2021), o líder de uma das principais denominações neopentecostais (IURD), o batismo nas águas envolve três elementos: O servo de Deus, o candidato e a água, assim como o batismo no Espírito Santo envolve três pessoas: O Senhor Jesus, o candidato e o Espírito Santo. O Bispo Edir Macedo afirma que no batismo nas águas há uma interferência humana (o ministro de Deus), o batismo no Espírito Santo é realizado exclusivamente pelo Senhor Jesus. Macedo (2021) considera o louvor como sendo o segredo do batismo no Espírito Santo, isto acontece normalmente quando a pessoa está adorando ao Senhor com todas as suas forças e entendimento, muito embora se tenham os registros de novos convertidos sendo batizados no Espírito por simples imposição de mãos dos apóstolos. Macedo (2021) defende a simplicidade para que o batismo aconteça. Não pela necessidade de ensinamentos exaustivos a respeito da pessoa do Espírito Santo, considerando os registros bíblicos com relatos de pessoas que pela primeira vez ouviram falar do Espírito Santo e foram batizadas.

Segundo Macedo (2021), com uma ênfase negativa, há alguns motivos que podem impedir o candidato de receber o Espírito Santo, listando dez: Preocupação em falar línguas estranhas ou com a salvação de entes queridos ou outras pessoas, pedidos de bênçãos materiais na hora do louvor, falta de arrependimento sincero, mágoas no coração contra alguém, vaidade pessoal (querer receber apenas porque outros receberam), medo de receber espírito imundo ao invés do Espírito Santo, dúvida quanto a estar em condições de receber o Espírito de Deus, falta de libertação total, pecado não confessado ou sentimento de culpa.

Após listar estes possíveis motivos para que o batismo não aconteça, Macedo (2021) enfatiza que o profundo desejo de ganhar almas em um candidato certamente atrai rapidamente o agir de Deus para que seja



selado com o Espírito Santo. Este seria o principal motivo da existência do batismo, para ser testemunha do Senhor Jesus.

Segundo RR Soares (2020), líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, considerada também uma das principais igrejas neopentecostais, o batismo no Espírito Santo é uma outra experiência, distinta da salvação (o batismo é o selo do Espírito). Esta pode acontecer no ato da conversão ou após, normalmente após o batismo nas águas, e que é uma segunda bênção para capacitar o salvo a fazer a obra de Deus com intrepidez e poder na unção do Senhor. Em seu testemunho pessoal, Soares informa ter sido batizado no Espírito Santo em 1969 e, após isso, Deus o tem usado para operação de sinais e maravilhas.

Respondidas as questões propostas na introdução deste capítulo a próxima etapa é conclusiva com as últimas considerações estabelecendo um paralelo entre o tema abordado neste e no capítulo anterior.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi observado através da pesquisa realizada, esta última seção se propõe a estabelecer um paralelo entre o pentecostalismo clássico e o neopentecostalismo, no que diz respeito ao batismo no Espírito Santo, concluindo com uma reflexão hipotética.

Deve-se basear o registro das características que marcam a primeira onda do movimento pentecostal no Brasil, denominada de pentecostalismo clássico, e as características que marcam a terceira onda, o neopentecostalismo, considerando a base doutrinária das principais denominações citadas atuantes nesses segmentos. Nesse campo, pode-se notar que o batismo no Espírito Santo é algo teologicamente fundamental para o crente, devendo ser alvo de uma busca interior, uma segunda bênção. Uma experiência que pode e deve ser vivida de revestimento de poder para o testemunho e capacitação para a atuação na obra do Senhor.

Convém observar ambas as ondas e classificações do movimento



pentecostal, levando em conta, por exemplo, a base doutrinária da AD em paralelo com o que diz o Bispo Edir Macedo (2010) e o pastor RR Soares (2020) (capítulos 3 e 4 deste artigo), lideranças de principais denominações representantes da 1ª e 3ª onda do movimento pentecostal, respectivamente. Parecem ser praticamente iguais quanto à visão, o pensamento e entendimento acerca do batismo no Espírito Santo, sua importância, continuidade, propósito e conceitos, na condição da questão em foco, ou seja, enquanto tema isolado. Porém, conforme a pesquisa, os autores mencionados, análise sociológica e histórica da atuação dos líderes e liderados, a liturgia dos cultos, comportamento e posicionamento dos membros participantes de cada instituição, a ênfase teológica da pneumatologia em relação às demais, o que se pode notar são discrepâncias e divergências que embasam a separação das instituições em ondas distintas sob o olhar crítico do sociólogo Freston (1993).

É notável que no pentecostalismo clássico, o Espírito Santo é protagonista. A importância do batismo no Espírito Santo está mais acima, bem classificada, na lista de prioridades de alvos da busca por parte do cristão. Além de se poder constatar a devida relevância da pneumatologia tendo sua centralidade no batismo no Espírito Santo, o revestimento de poder para a capacitação do testemunhar e realização da obra do Senhor considera o Espírito Santo o protagonista do processo e dos propósitos. As consequências vividas pela igreja primitiva após o Pentecostes são a inspiração e destaque para a liderança e denominações consideradas pentecostais clássicas, sempre atualizando de modo hermenêutico suas experiências nucleares (Menziés, 2016).

Já na segunda e, principalmente, na terceira onda, o neopentecostalismo, é notória a mudança de ênfase teológica e doutrinária. O humanismo, antropocentrismo, hedonismo, ganham força, evidência, quando a cura, o milagre físico passa a ser mais importante, desejado, e motivo de ampla divulgação midiática, envolvendo técnicas de marketing em detrimento da salvação e libertação do pecado. A “teologia



da prosperidade” e “batalha espiritual” com empoderamento e novos protagonismos do maligno, espíritos territoriais, quebra de maldição, maldições hereditárias, também passam a ocupar a parte mais central do bojo doutrinário e atenção por parte da liderança e membros, tornando-se a prioridade em ações midiáticas. Há uma clara espetacularização pela qual a verdadeira ação, o propósito e as consequências da ação do Espírito Santo passam a ser ofuscados, sufocados em meio a esse desequilíbrio e equívocos teológicos e doutrinários.

O sincretismo religioso nessa terceira onda, a inserção de práticas inspiradas em diversas religiões, o evangelho neste movimento neopentecostal, pode ser algo extremamente nocivo diante de uma orientação com embasamento bíblico: a materialização e comercialização da fé, práticas como orar com o copo com água, vender lenços unguentos para milagres, vassoura unguenta, travesseiro unguento, objetos em geral com interesse em aumento de receita, lucratividade, dentre outros costumes e práticas neoliberais, consideradas nesse movimento como doutrina, provoca e propaga uma má fama, gera descrédito para a igreja, devido à forte influência midiática, conforme mencionado.

Técnicas manipulativas para as pessoas darem dinheiro deliberadamente, com base em barganha, como o lema “é preciso dar para receber”, ou dar para enriquecer, “toma lá, dá cá”, negócios em nome da fé, uma pseudo “teologia da prosperidade”, são ações que deturpam o verdadeiro evangelho e fazem com que pessoas não acreditem mais na pregação. Elas podem até acreditar em Deus, e acreditam em Jesus, mas quando se fala em igreja, associam-na a essa fama atrelada ao segmento neopentecostal e se tornam aversivas em seus próprios preconceitos, em relação à igreja de um modo geral. Ficam bloqueadas ao aprendizado do sentido de corpo de Cristo, comunhão, elementos do culto como adoração através da oração, canções, ofertas, fidelidade no dízimo, reino de Deus, etc.

O investimento é muito alto em busca do poder e domínio, por isso



existe o foco da atuação nos veículos de comunicação, a princípio rádio e televisão, atualmente no mundo online, em plataformas e redes sociais. Além da busca pelo poder político, influência política, com interesses obscuros ou duvidosos.

É um movimento formado por igrejas autóctones, e de fortes lideranças. São marcadas pelo televangelismo. São avessas ao ecumenismo e travam uma intensa batalha contra as religiões afro e o catolicismo. São evidenciadas também pela forte organização empresarial e adotam técnicas de marketing para atingir um público maior e assim difundir sua mensagem através de veículos de comunicação de massa como televisão e o rádio (Campos, 1999 *apud* Alves, 2005, p. 80).

A conclusão, considerando o que foi exposto e este paralelo, é que o movimento neopentecostal nos moldes apresentados, na verdade, não representa integralmente o evangelho, pela forma como transparece a ênfase teológica dos discursos oficiais das lideranças. Pelo contrário, é estranho ao evangelho e só contribui para a aversão da sociedade ao pentecostalismo de forma generalizada e sem discernimento. Para reforçar essa ideia, Siepierski (1997) opta por utilizar a expressão “pós-pentecostalismo” revelando tamanho afastamento do pentecostalismo, por causa das condições controvertidas, incluindo o afastamento da ênfase e do protagonismo do Espírito Santo como poder-serviço na Igreja, apesar da similaridade dos argumentos de ambos os segmentos pesquisados, em torno do batismo no Espírito. Logo, o pós-pentecostalismo seria um movimento em que as práticas mencionadas que o distinguem teologicamente não são dignas de apoio, mas constituem objeto de justa crítica, em virtude da verdadeira imersão no Espírito, que deveria nos capacitar tão somente ao amor, ao diálogo e ao respeito às pessoas em suas singularidades (Albuquerque, 2024).





## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Bruno da Silveira. O diálogo na pentecostalidade. In: Doxia, Serra, v. 9 n. 13 (2024), p. 262-277. Disponível em: <https://faculdadebrasileiracrista.edu.br/revista/index.php/doxia/article/view/115/93/> acesso em 27 nov. 2024.

ALVES, Patrícia Formiga Maciel. Da Cruz ao Trono: Neopentecostalismo e Pós Modernidade no Brasil. Tese de doutorado em Ciências Sociais. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/download/4870/3976/0/> acesso em 27 nov. 2024.

CUNHA, Alyson Bruno Tavares da. Principais crenças e a concepção do pentecostalismo sobre o batismo no Espírito Santo. In: Ensaios Teológicos, Ijuí, v. 5, n. 1, p. 31-41, Jun. 2019. Disponível em: <https://www.ensaiosteologicos.fbp.edu.br/index.php/ensaios/article/download/304/348/1223/> acesso em 27 nov. 2024.

DIAS, Júlio César Tavares. O movimento pentecostal: Algumas notas após seus cem anos. In: Politeia História e Sociedade, Vitória da Conquista, v. 18, n. 1, p. 77-94, maio de 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/download/5169/3944/9267/> acesso em 27 nov. 2024.

FRESTON, Paul. Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Campinas: UNICAMP, 1993. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/69813/> acesso em 27 nov. 2024.

GERONE JUNIOR, Acyr. Neopentecostalismo: História, Desenvolvimento e Influências no Contexto Brasileiro. In: Doxia, Serra, v. 8, n. 12, p. 37-60, 2023. Disponível em: <https://faculdadebrasileiracrista.edu.br/revista/index.php/doxia/article/view/29/21/> acesso em 27 nov. 2024.

LIMA, Adriano et al. A experiência do "batismo com o Espírito Santo" no pentecostalismo. In: Teocomunicação, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 72-84, jan.-abr. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/viewFile/22331/13641/> acesso em 27 nov. 2024.

MACEDO, Edir. Como receber o batismo com o Espírito Santo. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2010.

MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. In: Rever, ano 8, p. 68-95, dez. 2008. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2008/t\\_mariano.pdf/](https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf/) acesso em 27 nov. 2024.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo



no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MATOS, Alderi de Souza. O movimento pentecostal: Reflexões a propósito de seu primeiro centenário. In: Fides Reformata, XI, n. 2, p. 23-50, 2006.

Disponível em:

[https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user\\_upload/2-O-movimento-pentecostal](https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/2-O-movimento-pentecostal)

[reflex%C3%B5es-a-prop%C3%B3sito-do-seu-primeiro-centen%C3%A1rio-Alderi-Souza-de-Matos.pdf](https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/2-O-movimento-pentecostal-reflex%C3%B5es-a-prop%C3%B3sito-do-seu-primeiro-centen%C3%A1rio-Alderi-Souza-de-Matos.pdf)/ acesso em 27 nov. 2024.

MCALISTER, Walter. Neopentecostalismo - A história não contada: quem foi Roberto McAlister, conhecido como o pai desse movimento. Rio de Janeiro: Anno Domini, 2012. MENZIES, Robert. Pentecostes: Essa história é a nossa história. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

PEIXOTO, Pedro André de Sousa. A última onda: Identidade neopentecostal e seu caráter histórico. In: Revista de Ciências Humanas Caeté, v. 3, n. 1, p. 191-206, 2021. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistadecienciashumanascaete/article/download/11926/8319/> acesso em 27 nov. 2024.

PEREIRA, Gesiel Camilo da Silva. Origem do movimento pentecostal no Brasil: Assembleia de Deus de 1910 a 1950. In: Teologia e Espiritualidade, vol. 8, n. 16, Curitiba, p.107-124, dez.2021. Disponível em:

[https://faculadecristadecuritiba.com.br/wp-content/uploads/2022/01/Artigo-6-O-Movimento-Pentecostal.pdf/](https://faculadecristadecuritiba.com.br/wp-content/uploads/2022/01/Artigo-6-O-Movimento-Pentecostal.pdf) acesso em 27 nov. 2024.

PORTELLA, Rodrigo. Pentecostalismo clássico e valores de autonomia. Sobre o poder simbólico das representações pentecostais. In: Revista Eletrônica Espaço Teológico, São Paulo, v. 6, n. 10, p. 3-15, jul.-dez. 2012. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/reveleteo/article/download/13129/9646/0/> acesso em 27 nov. 2024.

QUEIROZ, Bruno dos Santos. Pentecostalismo Brasileiro: A Glossolalia como evidência externa do batismo no Espírito Santo. In: Relicário, Uberlândia, v. 9, n. 18, p. 37-48, jul.-dez. 2022. Disponível em:

<https://revistarelicario.museudeartesauberlandia.com/index.php/relicario/article/download/242/213/> acesso em 27 nov. 2024.

[wnload/242/213/](https://revistarelicario.museudeartesauberlandia.com/index.php/relicario/article/download/242/213/) acesso em 27 nov. 2024.

SIEPIERSKI, Paulo. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. In: Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 37, n. 1, p. 47-61, 1997. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/776/](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/776/) acesso em 27 nov. 2024.

SILVA, Francisco Jean Carlos da. Pentecostalismo e pós pentecostalismo. In: Revista Eletrônica Inter-Legere, n. 2, p. 1-7, julho a dezembro de 2007.

Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4870/>

acesso em 27 nov. 2024. SIMÕES, Rafael Oliveira. Pentecostalismo:

Contexto histórico, origens e disseminação do movimento pentecostal no



Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Teologia. Vitória:  
Faculdade Unida de Vitória, 2021. Disponível em:

<http://btd.fuv.edu.br:8080/jspui/bitstream/prefix/550/1/TCC%20-%20Rafael%20Simoes.pdf>/ acesso em 27 nov. 2024.

SOARES, Romildo Ribeiro. Revista Graça / Show da Fé. 2020. Colunas -  
Resposta - 250. Graça Editorial. Disponível em:

<https://revistashowdafe.com.br/colunas/minha-resposta-250/> acesso em 27  
nov. 2024.

